

O olhar *ex-cêntrico* da História: A mulher que escreveu a Bíblia de Moacyr Scliar

Prof. Ms. Rafaella Berto Pucca¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho é analisar o romance A mulher que escreveu a Bíblia de Moacyr Scliar a partir da perspectiva de revisão histórica pretendida pela obra, recontando sob uma outra visão (o olhar feminino) episódios de um texto canônico: A Sagrada Escritura. Para tanto, focalizaremos a análise no olhar da narradora/protagonista, o olhar ex-cêntrico (o das margens, fora dos centros produtores de sentido), tentando mostrar que ao dar a voz a uma mulher para narrar a trajetória da humanidade, pautando-se na versão bíblica, o escritor gaúcho nos mostra que a posição do discurso é uma questão de perspectiva e não um dado natural e, ao propor tal inversão, de um discurso tipicamente patriarcal para o olhar feminino, o autor apresenta uma reflexão sobre como tem sido composta a nossa História (ou nossa historiografia) de maneira excludente e unilateral.

Palavras-chave: literatura contemporânea, releitura histórica, olhar ex-cêntrico.

Introdução

A *Mulher que escreveu a Bíblia* é a narrativa de uma personagem feminina, uma mulher feia e inteligente que após sofrer uma decepção amorosa, opta por consultar-se com um terapeuta de vidas passadas na tentativa de reencontrar-se ou se autoconhecer. Contudo, tal busca também está presente no próprio terapeuta que, frustrado com a antiga profissão de professor de história, passa a atuar no ramo esotérico. No entanto, mesmo que a prática do consultor seja autodeclarada “charlatã”, a mulher alega atingir seus objetivos após longas sessões, entregando ao guia (agora apaixonado por ela) o resultado de sua procura sob a forma de um texto relatando suas aventuras em uma vida anterior, como esposa do rei Salomão e primeira autora de um grande empreendimento para a humanidade, a *Bíblia*. O segundo capítulo é essa narrativa, a da vida regressa dessa mulher que mesmo feia fez-se reconhecer pelo mérito de ser letrada em uma sociedade que não admitia tal prática a alguém do sexo feminino. Além disso, é importante destacar que a narradora não possui nome próprio, intitula-se apenas como “a feia”, e por isso revela-se como voz manifesta de um determinado grupo subjugado, alijado por uma ordem de representação que valoriza certos padrões.

Não devemos nos esquecer também que, embora a obra remeta-se a tempos longínquos, a voz da narração é contemporânea a nossa era e, sendo assim, o questionamento da afirmação do eu mediante a inclusão de signos estéticos ditados pela moda é uma discussão elaborada por uma mulher de finais do século XX, estando esta bastante incomodada pelo fato de ter que se adaptar a duras penas à ditadura do padrão estético imposto pelo mercado de consumo. Ela questiona, portanto, os padrões que a qualificam como “a feia”, discutindo também a forma de estabelecimento das identidades que, em tempos de pós-modernidade, são estruturadas mediante uma espécie de escravidão à moda, cuja consequência imediata é o desperdício e a exclusão, já que a afirmação do eu reduz-se ao ato de gastar (SARLO, 1997). Nesse sentido, acreditamos que a opção de Scliar pela feiúra de sua protagonista, ou seja, uma mulher que foge aos padrões instituídos, não está relacionada a clichês do tipo “só poderia ser inteligente e interessar-se pelo conhecimento e pela

leitura porque era feia”, e sim à representação desse signo como forma de não-adequação às regras ditadas pela moda, uma atitude de subversão.

A narrativa de Scliar como releitura da História

Na prévia do enredo percebemos uma importante característica que vai ao encontro de nossa interpretação do romance como releitura crítica da História, no sentido de desfrutar o próprio texto de uma convergência de tempos, isto é, da intervenção do presente no texto do passado, declarada sob a forma de memória de uma vida anterior; recurso que possibilita aparições de anacronismos e encaixa a obra na classificação de Novo Romance Histórico ou Metaficção Historiográfica.

Esse processo de criação, de encaixar a narrativa do presente na descrição do passado por meio da voz de uma mulher contemporânea ao nosso tempo, é realizado por Scliar desdobrando a obra em dois capítulos. O primeiro inicia-se como uma espécie de prefácio, escrito em itálico, fato que confunde o leitor que em um primeiro momento pensa tratar-se da voz do próprio autor, até que bastante impressionado com a confissão do narrador em admitir ter-se tornado terapeuta de vidas passadas por falta de opção e estar agora apaixonado por uma de suas clientes, acaba por concluir que na verdade já entrou na ficção, sendo o relato uma experiência vivida por uma das personagens da trama.

O que temos, então, são duas narrativas distintas, porém encaixadas. A primeira bastante breve (11 páginas), em que o narrador é um homem, o antigo professor de História (que, diga-se de passagem, não possui nenhum embaraço em manipular e subverter seu próprio objeto de estudo), e a segunda é o relato da vida passada de uma mulher, a querida cliente alvo da paixão não correspondida do professor, que relegou a um diário o resultado de suas regressões realizadas nas sessões terapêuticas. O encaixe dá-se no momento em que o “apaixonado” vai ao encontro da amada que acaba por abandoná-lo em nome de um antigo relacionamento, deixando para ele o diário que narra suas experiências regressas; experiências estas que possibilitaram à mulher entender no presente o porquê de seus sortilégios e a tomar novas atitudes. Dito de outra forma, o momento em que entramos na narrativa de tempos longínquos corresponde ao momento em que o professor inicia a leitura do diário.

É importante atentar para a relação existente entre as duas profissões do narrador da primeira parte do livro. Num passado pouco distante, ele é o professor de História, cuja prática, segundo seu próprio relato, pautava-se pela transmissão da verdade de tempos anteriores a seus discípulos nada interessados no assunto, pois estavam apenas preocupados com o presente imediato e as implicações deste na experiência do agora.

O salário era baixo, a escola sem recursos, mas o que mais me chateava era o fato de que os alunos não davam a mínima para a disciplina. Para que a gente precisa saber dos egípcios, perguntavam, dos faraós, esses caras já morreram há tanto tempo. (p. 9)²

O professor viu-se, dessa forma, frustrado, pois a escolha de sua profissão era uma homenagem decorrente da trajetória sindicalista de seu pai, um marxista convicto, crente que a realidade é determinada pelas condições materiais de uma dada época e que seu sofrimento, derivado da opressão instituída pelas lutas de classe, só poderia ser extinto através da força e do engajamento político. Segundo essa versão, a tomada de consciência sobre a ordem do sistema é a única possibilidade de desmascarar a ideologia capitalista de mais e menos favorecidos, tendo em vista a implantação de uma sociedade igualitária e justa. Vejamos, portanto, a passagem em que o narrador apresenta a paixão do pai pelo materialismo histórico marxista:

A obra de Marx dizia, olhos úmidos, foi para mim uma revelação. Na verdade lera apenas um resumo de O capital, mas tinha sido o suficiente: de repente tudo ficara claro a seus olhos, a História tinha um sentido; mais, tinha leis. Foi por causa desses papos que escolhi História? Acho que sim. Era como se eu o indenizasse, compreende? (p.8)

Acostumado a tais discursos, o professor percebe que as leis sobre as quais julgava ser regida a História simplesmente não faziam mais o menor sentido, visto o desinteresse de seus alunos. A crença na utopia de que a realidade seria transformada após a grande revolução ficara cada vez mais distante; além disso, seu pai já estava morto e a profissão que escolhera não lhe garantia o suficiente para ter uma vida confortável. Percebeu, então, em uma de suas últimas tentativas de motivar os aprendizes a “*caminhar pelos labirintos do tempo*” (p.11), que a solução estava diante de seus olhos: em uma dinâmica que tinha como objetivo interpretar no palco a trajetória de uma personalidade histórica, um de seus alunos descobriu que em uma outra vida teria sido “*um rei poderoso e cruel, desses monarcas que não hesitam em mandar matar os inimigos*” (p.10). A revelação modificou a conduta do menino, antes tímido e subserviente, e abriu caminhos para o professor desenvolver uma outra atividade, a de terapeuta de vidas passadas.

Sim, algo tinha acontecido, algo extraordinário. Ele não estava apenas representando um papel; estava vivendo uma existência diferente. Tinha voltado ao passado [...] Aturdido, eu não sabia o que pensar. Mas logo dei-me conta das extraordinárias possibilidades que o caso do garoto me proporcionava. Um novo caminho abria-se diante de mim: eu me descobri terapeuta de vidas passadas [...] o sucesso foi imediato (p. 11).

Seus conhecimentos e estudos não tinham sido em vão, agora ele poderia oportunizar às pessoas o recuo no tempo para encontrarem sua verdadeira personalidade. Conheceu, assim, a melhor fórmula de olhar para o passado, desta vez sem pudores, isto é, agora ele poderia finalmente utilizar a trajetória da humanidade como bem quisesse, almejando a um único objetivo, o de compreender os reais motivos que o levaram, justamente com seus clientes, à crise, ao *descentramento*, à perda da utopia e do sonho, resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas (HALL, 1999). Pela primeira vez, ele poderia manipular a História em vez de ser manipulado por ela, poderia propiciar às pessoas a possibilidade de viverem uma experiência diferente, atitude também presente na redação do diário elaborado por sua cliente quando afirma:

[...] queria entender o passado – tarefa complexa, projeto gigantesco para o qual eu fora mobilizada: o livro não seria apenas o pretensão monumental cultural, seria um farol no tempo, uma resposta ao enigma [...] Esse era, pois, o verdadeiro objetivo do texto em que eu trabalhava: a História como exorcismo [...] Também eu vagava pela vida em busca de meu lugar. Eu também me sentia escoraçada, marginalizada (p. 175 - 6).

O que temos é um esconjuro, um “exorcismo” declarado dos “espíritos maus” ou maus discursos da História que, na busca científica de padronizações identitárias, excluíram várias práticas e possibilidades de existência, tendo estas permanecido na errância “em busca do seu lugar”. Vemos, assim, o princípio do *descentramento* pós-moderno que, ao dar voz aos excluídos da História, possibilita o rompimento com a concepção de que as identidades são estáticas e previsíveis. Abre-se, então, na prática da terapia de vidas passadas, uma terceira via, não adepta do materialismo marxista, este também homogêneo e determinista, e tampouco imersa no imediatismo capitalista da geração atual, aqui representada pela figura dos alunos, capaz de ignorar suas próprias origens.

Nesse momento, o desencanto com a verdade, descrito na trajetória da personagem masculina, instala um solo fértil não só para o terapeuta manipular os discursos à procura de vidas passadas que determinaram a existência desta, como também nos propicia uma reflexão pós-moderna sobre a atual suspeita da natureza de todos os discursos, hoje entendidos como construtos humanos, criados durante uma trajetória histórica. Vemos, portanto, e no momento só focalizando essa pequena passagem da narrativa, várias das características descritas por Hutcheon (1991) como inerentes à metaficção historiográfica, dentre elas, a distorção consciente da História mediante omissões, anacronismos e exageros.

Eis a justificativa de presenciarmos no segundo relato, ponto alto da obra, uma narradora-protagonista que vê com os olhos da contemporaneidade suas experiências vividas em um tempo anterior. É o rever a História, recontá-la sob outros olhares; no caso do romance, refletindo a postura feminina frente ao discurso religioso-eurocêntrico que sempre a marginalizou. Em outras palavras, ao assumir a tarefa do registro, a narradora passa de objeto da vontade masculina, papel que lhe foi designado historicamente, para sujeito do próprio discurso, desconstruindo-se o significado tradicional de respeito e subserviência a uma verdade central, autoritária e incontestável. Temos, assim, o olhar *ex-cêntrico* – fora do centro instaurador da ordem, o olhar das margens ou periferias do sistema – que no caso é o de uma mulher como o de tantas outras caladas nas versões oficiais.

Grande parte do debate sobre a definição do termo pós-modernismo tem girado em torno daquilo que alguns consideram como uma perda da fé nesse impulso centralizador e totalizante do pensamento humanista. Oferecem-se como alternativas à construção do sistema teorias que privilegiam o dialogizado e o híbrido (Bakhtin, 1968; 1981) [...] Tanto o marxismo como a psicanálise freudiana foram acusados de serem “metarrativas” totalizantes [...] Quando o centro começa a dar luz às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções – como por exemplo as de gênero – começam a ficar visíveis (HUTCHEON, 1991, p.85 – 86).

Nas palavras de Hutcheon, as certezas do passado calcadas nas grandes metanarrativas, como o materialismo histórico ou a psicologia freudiana, tornaram-se questionáveis, pois essas formas de conhecimento estão definidas em leis totalizantes sobre as quais acredita-se fundar as relações dos indivíduos com a sociedade. Ora, o pós-modernismo vem negar justamente isso, a crença na existência de leis ou essência sobre a qual fundam-se todas as coisas, visto que o próprio transcurso da História já nos mostrou que a universalização tende à exclusão, pois esconde as contradições e exceções capazes de desconstruir a lógica em que a lei encontra-se estruturada. Precisamos, pois, ver além das barreiras dicotômicas, é necessário o olhar *ex-cêntrico*:

Ser *ex-cêntrico*, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente [...] uma perspectiva que está sempre alterando seu foco porque não possui força centralizadora (HUTCHEON, 1995, p.96)

Ou seja, obras pós-modernas, como o romance sobre o qual nos debruçamos, são capazes de fazer emergir das profundezas as contradições presentes nos textos da historiografia tradicional, tal como prematuramente nos aconselhou Benjamin (1987) e como posteriormente definiu a Nova História ao propor um projeto mais abrangente para a escrita da historiografia que não abarcasse apenas a versão oficial do poder. Nas palavras de Gizêlda Melo do Nascimento (2006, p.44):

Trata-se de um enfoque novo porque não reflete o ponto de vista da oficialidade e altera sutilmente o ponto de vista dos ocupantes fronteiriços do centro, onde os

conflitos foram travados. Estamos diante do que ficou ecoando nas ondas periféricas distantes; um outro comportamento, uma outra versão dos fatos.

Para demonstrarmos esse olhar desconstrucionista da narradora sobre toda uma tradição cristã patriarcal, podemos tomar como exemplo a maneira como ela descreve seu pai, o tutor chefe da tribo em que vivia antes do casamento, um homem ambicioso e audacioso que decidiu abandonar o nomadismo errante de seus antepassados para assumir residência fixa. Temos, portanto, a abertura para a concepção do espaço como território particular, a propriedade privada, que no caso engloba a terra, os bens e frutos que dela provêm, assim como todos aqueles que nela habitam, incluindo as mulheres da casa, os trabalhadores do campo e os serviços em geral. Ou seja, o olhar que o pai dirigia às mulheres, mesmo as da família, era o de protetor de um bem (que enquanto não fosse útil deveria manter-se escondido dos olhares alheios), passível de ser usado, vendido ou trocado em negociações que lhe garantissem futuras alianças (como a que oficializou com o rei Salomão). Vejamos a passagem em que a narradora aponta sua crítica a essa tradição falocêntrica, mostrando as fissuras e contradições do discurso patriarcal:

Enquanto o futuro por meu pai profetizado não chegava, continuávamos morando numa casa austera. Poucos móveis, nenhum conforto; qualquer coisa que cheirasse a luxo era abominação [...] Não que fosse um exemplo de moral; era um mulherengo conhecido, desses que não respeitam nem a mulher do próximo. Além disso, andara metido em negócios escusos – parte de seu rebanho era, para usar um eufemismo, de procedência duvidosa. Nada disso o impedia de posar como um guardião da moralidade. Exigia da tribo, e da família em particular, um comportamento irrepreensível. Não tolerava a menor manifestação de vaidade nas filhas (p.20-1).

Uma outra observação faz-se aqui pertinente: a leitura empreendida do discurso bíblico como histórico e ficcional simultaneamente. Ora, como já expusemos, a partir do momento que passamos a encarar a História como registro isento de imparcialidade e a aproximá-la ao discurso ficcional por ser a narrativa de uma determinada época elaborada sob a perspectiva de indivíduos portadores de certas ideologias, podemos igualmente encarar o discurso bíblico como detentor das mesmas características, visto ser considerado histórico em alguns grupos científicos por desfrutar de certas provas documentais e também ficcional por aproximar-se da composição própria ao literário. Sendo assim, o romance *A mulher que escreveu a Bíblia* é uma reescritura ficcional de episódios históricos, relatados anteriormente em uma outra obra ficcional: a própria *Bíblia*. Aliás, há uma passagem no romance que demonstra claramente a dificuldade de se impor limites ao terreno da história e ao da ficção, uma passagem que igualmente nos mostra a principal característica de um discurso que almeja permanecer no tempo, a de ser aceito pelas pessoas independentemente de sua veracidade:

Essa é a história que conto nas entrevistas. E já contei tantas vezes que para mim se tornou verdade. Fato ou Ficção, o certo é que as pessoas gostam muito, e é o que importa (p.11; grifo nosso).

Nesse sentido, torna-se claro o processo de dessacralização do discurso original, e não apenas o relativo ao conteúdo bíblico, mas uma possibilidade de metáfora da perda da autoridade conferida ao literário canônico. Mesmo sendo Sciar conhecedor da forma erudita, nesta obra opta por um linguajar mais próximo ao coloquial na tentativa de conferir autenticidade à fala de sua protagonista, uma mulher letrada sim, mas conhecedora e parte integrante da cultura popular que encontra na oralidade as suas bases, ou seja, várias são as apropriações porque também várias são as fontes sobre as quais construímos qualquer discurso, que, como já foi dito, não pode ser encarado como verdade absoluta. Podemos dizer que o autor gaúcho seria uma espécie de poeta ou escritor contador que, nas palavras de Gizêlda Melo do Nascimento (2006, p.8), faz parte do mesmo grupo de “autores

preocupados em imprimir nos seus textos uma linguagem oral como que procurando recuperar, no ato da escrita, o ato das palavras ditas”.

Há referências igualmente importantes aos espaços públicos reservados apenas aos homens. Tal como o sugerido por Richard Stole durante o século das luzes, a mulher não poderia frequentar outros espaços senão os da casa; sendo ela “um apêndice da raça humana”, não deve pretender nada além das categorias de filha, esposa ou mãe, pois as que desobedecem a essa ordem são condenadas moralmente pela sociedade e pela Igreja. Ou seja, a mulher só pode viver em função do outro – o homem.

No romance, um dos momentos que apresenta questionamentos sobre essa prisão domiciliar imposta às mulheres é a chegada da “feia” ao palácio real. A narradora descreve com todos os detalhes os salões a que teve acesso e o próprio harém, enfatizando tanto o luxo como a segurança e a vigilância constante que a proíbem de sair. A visão que se tem do ambiente, segundo a descrição da “interna”, é o de uma imensa gaiola dourada, uma espécie de metáfora do imperceptível discurso que aprisiona as mulheres (integrantes de qualquer classe social) a cativeiros domésticos:

Esta é a tua morada – anunciou a mulher, não sem certa azeda ironia – aqui passarás o resto dos teus dias. Era um vasto salão todo ornamentado com cortinados, dosséis e vasos de flores e iluminado por muitos archotes. Dispostos em fileira, dezenas de leitos muito confortáveis, numerados de um a setecentos. As mulheres já estavam todas ali, algumas deitadas, outras entregues aos cuidados das escravas, várias reunidas em grupos, conversando [...] – De agora em diante – prosseguiu a mulher – tua rotina será a de todas as esposas [...] À espera de que o rei te chame. Tu agora vives para o rei, e só para o rei. O resto não interessa (p. 71 – 74).

A ausência da participação feminina nos textos da historiografia (aqui representados pela *Bíblia*) é igualmente questionada em uma das conversas que a protagonista tem com a amiga Mikol, uma concubina já madura. Ao contar à companheira que havia sido designada para escrever o livro que consagraria Salomão e toda a saga de Israel, a amiga deixa escapar o seu desejo de figurar na narrativa. Contudo, logo percebe que seria uma possibilidade remota, visto que muitos eram os heróis consagrados por Deus e que muitas outras histórias deveriam sobrepujar a sua “insignificante” existência, já que não era rainha ou esposa de “um grande homem”. A mulher pede, então, para ser incluída nas reticências, naqueles espaços não ditos que representariam as histórias não contadas:

– Escrever uma história assim é a glória, minha amiga, a glória. Bem que eu gostaria de figurar nela. Ao lado de Salomão, por exemplo. Mas tem tanta gente. Setecentas esposas, trezentas concubinas...Impossível. Para mim não há lugar. A não ser nas reticências [...] Sim, nas reticências talvez haja lugar para mim... A pessoa que vir aqueles três pontinhos dirá, hum, mas então a história de Salomão não é só o que está descrito em palavras... Há mais coisas (p. 161 – 162)

De fato, há mais coisas, e não só sobre as histórias de Salomão, mas sobre muitas outras histórias nas quais não se ouve a fala das mulheres comuns, de outras etnias além da branca ocidental e dos pertencentes a tantos outros povos que, por serem “os vencidos” da História³, não tiveram igualmente a oportunidade de exprimir sua voz. Quanto à justificativa da exclusão, esta pautava-se na crença de que se tratavam de pessoas “inferiores”, “selvagens” ou portadoras de pouca massa cefálica, uma falsa acusação que a Nova História, assim como as produções metaficcionais contemporâneas, vêm tentando reparar através de um trabalho de garimpeiro que visa a encontrar aquilo que foi ocultado nos discursos da historiografia tradicional.

Nesse sentido, podemos então concluir que a obra de Moacyr Scliar dissolve as marcações hierárquicas, deslocando a produção de sentidos para percepções alternativas do discurso, desconstruindo, assim, o centro regulador. Através de contradições presentes no próprio discurso

etnocêntrico e patriarcal, aqui representado pelo texto bíblico, o autor vai construindo outras centralidades, vozes abafadas no documentário da historiografia tradicional que entram no novo texto catalizadas na figura de uma das mais depreciadas categorias: a mulher.

Considerações finais

Como pudemos constatar no percurso desenvolvido por este trabalho, nosso intento maior concentrou-se em demonstrar como em tempos de pós-modernidade é inevitável a necessidade de discussão sobre a natureza de todos os discursos, mesmos os da historiografia ou da literatura, concebidos hoje após grandes contribuições, sobretudo as de Foucault (2001) e Derrida (1988), como construtos humanos e não como representações de “verdades”, posto que as mesmas são instituídas historicamente e não implantadas por uma ordem natural com existência perene. Obras pós-modernas como o romance por nós analisado delatam que a narração de determinados acontecimentos sempre está relacionada à perspectiva daquele que apresenta os fatos (sendo esta influenciada pela ideologia e cultura na qual o narrador encontra-se inserido), localizando, assim, os textos da História em sintonia com os textos da literatura, uma categoria que demonstra não haver maiores pudores em subverter determinados episódios em nome do ponto de vista da autoria ou da narração. Ou seja, a literatura é uma narrativa de convencimento, e não do convencimento de que aquilo realmente ocorreu ou que aconteceu da forma como ali está escrito (como pretende a historiografia tradicional), mas de que há uma coerência em se pensar daquela forma, uma coerência que pode ou não ser aceita pelo leitor.

Contudo, sabemos que existem vários exemplos de textos literários construídos a partir da fragmentação e com a oscilação da voz da narração, uma prática constante em obras pós-modernas, o que não inviabiliza o expediente da coerência e do convencimento, posto que estas narrativas encontram-se engajadas com a linguagem e o imaginário social da era tecnológica, cuja principal característica é a simultaneidade dos eventos e a multiplicidade de focos de percepção. São estes os traços da sociedade pós século XX, e se os mesmos figuram na literatura de sua era, não deixam de apresentar coerência, propiciando uma lógica igualmente capaz de convencer o leitor.

Em outras palavras, as mudanças de grande impacto no mundo contemporâneo, tais como a descolonização, os movimentos de emancipação de grupos minoritários e os avanços da tecnologia eletrônica midiática, com certo deslocamento do interesse da produção para o consumo, favoreceu a emersão “de um cenário de superposição de competências disciplinares, que funde e confunde os campos da ciência, tornando urgente a reflexão sobre as condições e pressupostos não só de uma história do passado, mas igualmente do presente” (OLINTO, 2004, p. 14). Dito de outra forma, a variação e a dificuldade de demarcação entre os campos da História, Sociologia, Jornalismo e Literatura, acabaram agregando a tais disciplinas certas características que antes só eram aceitas no campo da ficção, como a possibilidade de se desconfiar do relato.

Surge, nesse contexto, a abertura para a criação e especulação de vozes e narrativas outrora ocultadas nos textos da historiografia tradicional, como as minorias étnicas e sexuais; uma tendência que coloca em xeque a suposta objetividade e imparcialidade desses textos, aproximando-os, em certa medida, das características próprias ao literário. Nessa fronteira e em meio a tais discussões, o popular romance histórico criado em meados do século XIX adquire, no século XX, traços que envolvem um hibridismo de temáticas, estilos e culturas, possibilitando apropriações, diálogos, interferências e desconstruções capazes de desestabilizar a ordem tradicional tanto da História como da Literatura canônica. Referimo-nos à metaficção historiográfica, uma estratégia de composição bastante recorrente entre os escritores da atualidade, estratégia esta que evidenciamos ao analisar a obra de Sciliar.

Tentamos mostrar que a posição do discurso é uma questão de perspectiva e que certos textos – no caso o próprio texto bíblico, base de muitos dos pressupostos que norteiam a educação humana – formam o cerne do discurso patriarcal e eurocêntrico que legitimou a instituição de determinados prismas aceitos como centros reguladores e geradores de sentido, hoje passíveis de serem questionados e desconstruídos.

Apropriando-se de textos e discursos sobre o passado, sejam estes históricos ou literários, a obra romanesca de Scliar nos apresenta uma atualização desse conteúdo, ao passo que também possibilita uma subversão, à medida que entrelaça a herança da tradição com outras vozes ocultadas pela mesma, além de exprimir as marcas do mundo pós-moderno; tudo feito através da ótica do presente e composto por meio de uma hibridação discursiva que inviabiliza quaisquer hierarquizações, tanto de ordem estilística quanto priorizando um centro regulador dos sentidos (o do homem branco e ocidental, por exemplo). Trata-se, portanto, de uma produção bastante significativa dentro da série literária contemporânea, visto que se encontra engajada com os atuais questionamentos sobre a falta de estabilidade conceitual para categorias como nacionalidade, identidade e cultura, propiciando uma reavaliação de posturas através de releituras e reescrituras de textos do passado.

No romance *A Mulher que escreveu a Bíblia*, podemos perceber que o método desconstrucionista da narradora subverte a manipulação masculina da suposta “verdade sagrada”, desestabilizando noções convencionais com vistas a eleger seu próprio código de comportamento, este último liberto da imposição ideológica do discurso bíblico.

Nesse sentido, é coerente afirmar que obras como o romance em questão, apresentam-nos uma possibilidade de subversão do poder concedido a determinados prismas eleitos, minimizando com riquíssimas e bem humoradas (re)criações os fundamentos defendidos por instituições hierarquizantes e preconceituosas que ainda modelam nossa existência, apontando-nos aquilo que deve ser considerado o bom e o mau gosto, o erudito e o popular.

Ao dar a voz a sua protagonista, Scliar retira os véus do discurso religioso que, fundamentado sobre signos como a verdade, a lei, o sagrado, o hegemônico e o supremo Deus, escamoteia as contradições, justificando hierarquias e padrões de conduta capazes de implantar a dominação, determinando a História. Pela ótica perscrutadora de quem vive sob o jugo da submissão, a “feia” desvenda os segredos da composição do discurso opressor, removendo os véus da intolerância.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura, história e cultura. 3 ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhida, 1).

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução de Samuel Martins Barbosa et alli. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

BURKE, P (Org). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Tradução de Beatriz M. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo** – História teoria ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NASCIMENTO, G. M. do. **Feitio de viver**: memórias de descendentes de escravos. Londrina: Eduel, 2006.

OLINTO, H. K. Novas sensibilidades na historiografia (literária). In: **Itinerários**, revista de estudos literários, Araraquara, 22, 13-36, 2004.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SCLIAR, M. **A mulher que Escreveu a Bíblia**. São Paulo: Planeta De Agostini, 2003 (Série Grandes Escritores da Atualidade).

¹ Professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)

² A citação aparece em itálico porque assim é apresentada no original.

³ Expressão de Walter Benjamin (1987)